

## PROFESSORES(AS) DE HISTÓRIA E SUBJETIVIDADES: A INVENÇÃO DE DOCENTES EM NARRATIVAS DE EGRESSOS(AS)

JÉFERSON BARBOSA COSTA<sup>1</sup>; MARA REJANE VIEIRA OSÓRIO<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jeferson.b.costa@gmail.com](mailto:jeferson.b.costa@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [mareos@gmail.com](mailto:mareos@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo apresentar a investigação *Professores(as) de História e subjetividades: a invenção de docentes em narrativas de egressos(as)* e indicar alguns resultados preliminares. A ideia deste estudo emerge das minhas angústias e questionamentos sobre a natureza deste curso, do qual também sou egresso. Pelas minhas vivências formativas e, também, pelos meus estudos atuais, percebo que a formação para a docência ocupa uma posição de segundo plano neste curso. Como verificado em estudo anterior (COSTA, 2017), o curso vem estimulando um perfil com amplo domínio do conteúdo específico da área e é voltado à produção e pesquisa acadêmica.

Neste sentido, essa pesquisa, que encontra-se em andamento, investiga narrativas de egressos(as) do curso presencial de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e busca compreender como essas pessoas vêm se constituindo docentes a partir dessa formação.

Esse estudo tem inspiração na perspectiva pós-crítica em Educação. Nesse caminho investigativo, entre outros aspectos, há uma compreensão de que não trabalhamos com verdades atemporais e/ou com instâncias centrais das quais emanam poderes que ditam e controlam como irão se constituir os(as) docentes. O que busco compreender é a constituição de docentes, a partir de um processo formativo, mas levando em consideração a complexidade de processos de constituição de sujeitos, processos nos quais nos constituímos a partir de nossas relações com nossos eus, com as demais pessoas e com as verdades estabelecidas sobre a docência e que são incorporadas por esses sujeitos como princípios éticos para suas condutas.

### 2. METODOLOGIA

Foram realizadas entrevistas com cinco egressos(as) do curso presencial de Licenciatura em História da UFPEL, que ingressaram no curso no ano de 2013 e formaram-se em 2016, mesma turma em que ocorreu minha formação. O número de entrevistados(as) foi obtido após entrar em contato, vias redes sociais, com as pessoas formadas nesse período, e verificar residentes em Pelotas interessados(as) em participar do estudo. No início de cada entrevista, as pessoas entrevistadas foram convidadas a escolherem um nome fictício que designaria suas falas e citações utilizadas.

O trabalho com pessoas que tiveram sua formação em um mesmo período e curso ocorreu para compreender como essas diferentes pessoas foram constituindo e se compreendem após o processo formativo, e que imagens de

docência e/ou docente carregam; como diferentes vivências e experiências subjetivam cada um e cada uma.

Para compreender esses processos de constituição de sujeitos e trabalhar com os dizeres das narrativas, operei principalmente os conceitos de subjetivação (FOUCAULT, 1984, 2008; ROSE, 2001), discurso (FOUCAULT 1984, 1995, 2008, 2013) e de experiência em Larossa (1994, 2002).

Considereei a licenciatura como sendo uma tecnologia de subjetivação (ROSE, 2001; CASTRO, 2016), haja visto ser um espaço com atividades organizadas por uma racionalidade e que possui estratégias e meios que desejam criar sujeitos de determinado tipo.

O conceito de subjetivação, por sua vez, me permitiu compreender que a constituição desses sujeitos não depende somente da organização do espaço e da arquitetura do processo formativo no qual estão inseridos, pois nos tornamos quem somos a partir de processos complexos. A constituição de sujeitos passa por instrumentos de controle, discursos, tecnologias, instanciais nas quais a pessoa que está se constituindo também participa e realiza escolhas.

Como indica Rose, os processos de subjetivação são “[...] práticas e [...] processos heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo [...]” (2001, p.36).

A análise empreendida foca no que foi dito para, assim, problematizar as verdades acerca da docência e do ser e agir docente que emergiram, levando em consideração processos de controle que participam da construção de discursos que legitimam essas verdades e esforços que visam criar esses tipos de sujeitos idealizados (FOUCAULT, 2008, 2013; FISCHER, 2012, 2013).

Cabe destacar, ainda, que organizei e considereei as entrevistas como narrativas, estimulando as pessoas a contarem suas histórias sobre como foram se tornando docentes. Na perspectiva de ANDRADE (2012), ao elaborarem narrativas, pessoas dão novos significados às suas experiências e a si mesmas, se subjetivam no momento em que reelaboram impressões, histórias e momentos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise preliminar das narrativas, pude perceber que algumas verdades acerca da docência são incorporadas e passam a fazer parte do ser e do agir dos(as) entrevistados(as).

As cinco pessoas entrevistadas frequentaram exclusivamente escolas públicas durante a Educação Básica e, grosso modo, mencionaram experiências desse período como relevantes em seu processo de escolha por um curso de licenciatura e/ou especificamente por uma licenciatura em História. As falas a seguir exemplificam alguns desses momentos:

[...] acho que isso, essa minha trajetória no [...] Médio foi o que me levou a fazer História depois e a querer ser professora... fazer licenciatura (KOLLONTAI, 2018).

[...] tive alguns professores, assim, essenciais para esse meu despertar para, essa necessidade de pensar, poxa, eu tenho que ser professora também. (MANUELA, 2018).

Então, ter assim, entrado num curso de História para mim foi muito importante porque era a cadeira que eu mais gostava, no Ensino Médio era a coisa que eu mais gostava de fazer. Eram as aulas que eu mais

gostava de frequentar, era a professora que eu mais tinha admiração na sala de aula, era a professora de História (SILAS, 2018).

Nas narrativas, um outro dizer que surgiu como verdade acerca da profissão docente, foi o de que, para se ser professor(a), é necessário gostar de dar aulas. Esse gostar, aparece de dois modos. No primeiro, aparenta ter relação com a ideia de que há um certo senso comum acerca da docência, de desvalorização e precarização do trabalho, e que, com isso, só quer ser docente quem gosta do que faz e, no exercício do trabalho, encontra em momentos felizes a recompensa desejada. No segundo, o gostar do trabalho aparece como pré-requisito para que a pessoa seja uma melhor profissional, independente da condição social dessa profissão. Ou seja, o gostar, nas duas situações, é associado com algo que parece fazer parte da natureza interior de alguns sujeitos, um tipo de aptidão para ser professor ou professora.

Os momentos que aparecem como sendo os mais relevantes na constituição dos(as) docentes são os estágios supervisionados e demais oportunidades nas quais os(as) licenciandos(as) entram em contato direto com a escola, como observações e atividades de iniciação à docência. Esses momentos são descritos, nas narrativas, como os momentos de prática, em oposição aos momentos teóricos – termo que nas narrativas, de modo geral, designa toda e qualquer situação em que o(a) entrevistado(a) encontrava-se fora de uma instituição escolar de Educação Básica.

Essa concepção de prática aparece também nas narrativas, com dizeres que relacionam a profissão docente a um sentir-se docente a partir do reconhecimento social. De modo que, para além de ter concluído o processo formativo, os(as) entrevistados(as) citam a importância de serem reconhecidos enquanto docentes pela comunidade escolar e, principalmente, de exercerem a profissão para mensurarem a eficácia do que aprenderam sobre a profissão. Esses dizeres aparecem relacionados à falta que as pessoas sentem desses momentos e de como afetam suas próprias relações consigo mesmas e percepções enquanto profissionais, uma vez que nenhuma delas, até o momento das entrevistas, exercia a profissão.

Ainda pude verificar que, em diversos momentos das narrativas, a docência é caracterizada como profissão com papel social relevante para a transformação de pessoas (em especial, crianças e jovens das escolas públicas, que contam basicamente com a escola para terem acesso a uma educação para democracia). E que os(as) professores(as), enquanto responsáveis por coordenarem relações de ensino-aprendizagem na Educação Básica, ocupam posições privilegiadas na formação intelectual de alunos(as). Assim, a noção de responsabilidade social se faz necessária, uma vez que o ambiente escolar, bem como o modo como são trabalhados os conteúdos das disciplinas (e especificamente da disciplina de História) na Educação Básica, são etapas relevantes na constituição de um determinado tipo de cidadão.

#### 4. CONCLUSÕES

De acordo com as análises preliminares, as narrativas desses(as) egressos(as), quando convidados a falarem sobre si e sobre seus processos formativos, trazem verdades naturalizadas sobre o ser e o agir docente, como as ideias de que é necessário ter aptidão (e/ou gostar) da profissão ou que a escola e os docentes são potentes agentes de mudança social e construção de novos

cidadãos. No bojo dessas experiências que as pessoas vivenciam, a constituição das subjetividades tem sido encaminhada por uma percepção da docência na qual os momentos de atuação no espaço da sala de aula são considerados os mais fundamentais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. IN: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.173-194.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: AMARAL, Luciano (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 23.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, p.20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.26, n.1, p.33-57, jan./jul. 2001.